

Representações de Genserico, rei dos vândalos, nos Panegíricos do aristocrata galo-romano Sidônio Apolinário (século V d. C.)

Semíramis Corsi Silva¹
Gabriel Freitas Reis²

Submetido em 04/2016
Aceito em 05/2016

RESUMO:

O objetivo deste artigo é analisar as representações do rei vândalo Genserico por Sidônio Apolinário, um membro das elites do Império Romano nascido na Gália, que viveu entre as décadas de 430 e 480 e se mostrou um observador atento de seu contexto e das transformações que o Império Romano do Ocidente estava passando no século V. Utilizaremos como documentação três Panegíricos escritos por Sidônio Apolinário, são eles: *Panegírico de Ávito*, *Panegírico de Majoriano* e *Panegírico de Antêmio*. Os Panegíricos romanos eram formas de discursos laudatórios, originários da Grécia, que conheceram grande popularidade no período da Antiguidade Tardia. Nos três Panegíricos estudados, Sidônio justifica a ascensão dos imperadores Ávito, Majoriano e Antêmio, como consequência da possibilidade desses imperadores vencerem povos considerados “bárbaros”, como os vândalos liderados por Genserico e, da mesma forma, tece considerações sobre como percebe os povos de origem germânica. Nossa análise se vinculará aos estudos da Nova História Cultural, em especial utilizando o conceito de *representações* de Roger Chartier.

Palavras-chave: Sidônio Apolinário – Genserico – Vândalos – Panegíricos - Império Romano do Ocidente.

ABSTRACT:

The aim of this paper is to analyze the representations of the Vandal king Genseric by Sidonius Apollinaris, a member of the elite of the Roman Empire borned in Gallia, lived in the decades of 430 and 480 and showed a watchful observer of his context and transformations that the Empire Roman has experiencing in the fifth century. We will take as our documentation three Panegyrics written by Sidonius Apollinaris, they are: *Panegyric of Avitus*, *Panegyric of Majorian* and *Panegyric of Anthemius*. The Roma's Panegyrics were forms of laudatory speeches, originating in Greece, that knowed great popularity in the period of Late Antiquity. In the three Panegyrics, Sidônio justifies the rise of Avitus, Majorian and Anthemius, as a consequence of the possibility of these emperors win people considered "barbarians", as the Vandals led by Genseric and, similarly, reflects on how he perceive the people of German origin. Our analysis will be linked to the study of New Cultural History, especially using the concept of *representations* of Roger Chartier.

Keywords: Sidonius Apollinaris – Genseric – Vandals – Panegyrics – Western Roman Empire.

¹ Doutora em História pela UNESP/Franca. Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Pesquisadora do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (G.LEIR-UNESP/Franca), do ATRIVM-UFRJ - Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade e Coordenadora e Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo e Medieval da UFSM - GEMAM/UFSM. E-mail: semiramiscorsi@yahoo.com.br

² Graduando em História da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Membro do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo e Medieval da UFSM - GEMAM/UFSM. E-mail: gabriel_knollys@hotmail.com

Introdução

Os povos vândalos ainda hoje se mostram presentes no imaginário contemporâneo, sendo de sua denominação que surgiu a expressão que hoje é comumente usada como sinônimo de desordem e confusão. Mas quem eram os povos vândalos? Qual seu impacto no Ocidente imperial romano? Estaria sua entrada no Ocidente imperial romano relacionada com a forma pejorativa como seu nome entrou no vocabulário que permanece até nossa atualidade? Como os romanos perceberam sua investida no ocidente imperial?

Conforme as pesquisas arqueológicas, os vândalos, subdivididos em vândalos asdingos e vândalos silingos, se originaram na região da antiga Escandinávia e cruzaram o Mar Báltico no século II d.C., se estabelecendo nas terras da atual Silésia (região entre a Polônia, a República Checa e a Alemanha) por volta de 120 d.C.

Em 406, como nos mostra o historiador Danilo Gazzotti (2013, p. 89) através da análise da obra de Paulo Orósio, os vândalos se aliaram com outros povos de origens germânicas, os suevos, os alanos e os sármatas, com o objetivo de penetrarem na região da Gália, parte do Império Romano, enfrentando ali os francos numa sangrenta batalha. Segundo Renan Frighetto (2012, p. 161), os francos já viviam em algumas áreas das províncias romanas da Gália, Bélgica e Germânia³ desde o século III d.C., e a fixação de algumas dessas tribos nos territórios romanos como aliados data deste período, daí o enfrentamento entre vândalos e francos no limiar do século V. Descendo a região da Gália, os vândalos passam também a ocupar partes da Península Ibérica neste mesmo contexto, como aponta Gazzotti (2013, p. 89). Nessa região, os vândalos silingos ocuparam as regiões da *Bética*, os alanos a *Lusitânia* e a *Cartaginense*, e os suevos e os vândalos asdingos dividiram a *Gallaecia*.

³ Como estamos tratando de povos de origens germânicas, cumpre citar que os romanos conheciam como Germânia um grande território no qual estabeleceram como limite natural os rios Reno e Danúbio. Várias foram as tentativas de conquista dos territórios germânicos pelos romanos, especialmente durante a República romana, mas apenas uma parte do território da Germânia tornou-se província romana (PAULA, 2007). Os territórios romanos ficaram conhecidos como Província da Germânia Inferior (parte dos atuais países da Alemanha, Bélgica, Luxemburgo e Renânia) e Província da Germânia Superior (parte dos atuais países da Alemanha, Suíça e França). Uma das fontes escritas mais interessantes para se conhecer os vários povos chamados pelos romanos de germânicos é a *Germânia*, de Tácito, escritor e homem público que viveu entre 55 e 120 d. C. Sobre os vândalos, Tácito trata brevemente, dizendo que os germanos afirmavam que essa nomenclatura era nova para o seu povo, já nomes como vândalos eram mais antigos, e que eles descendiam do deus Mano (TÁCITO, *Germânia*, II).

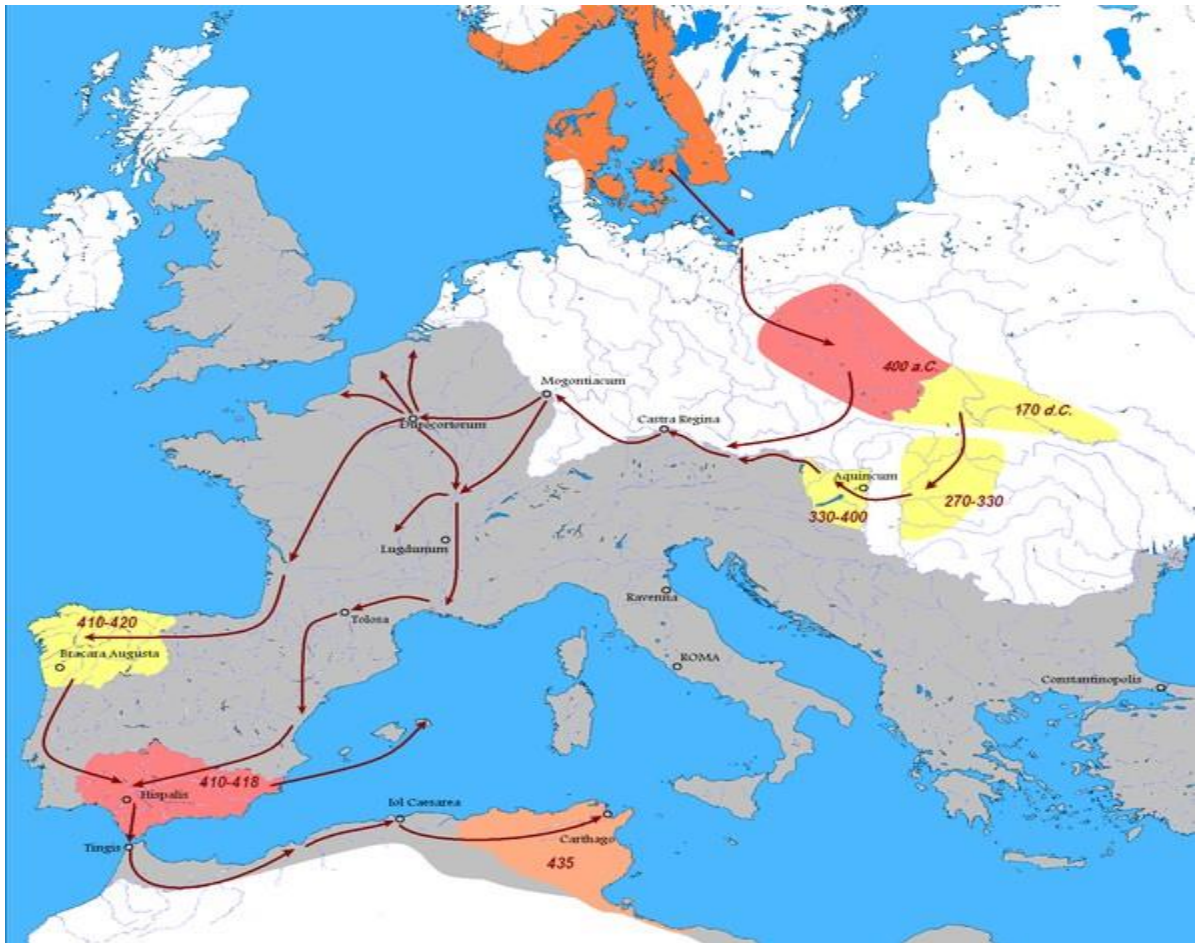


Figura 1: Mapa do deslocamento vândalo.

Disponível em: <http://www.ancient.eu/search/?q=vandals&sa.x=0&sa.y=0>
 Acesso em: 23/02/2016

Neste contexto de ocupação dos vândalos de partes do Império Romano, destacamos a participação de Genserico. Este líder vândalo nasceu aproximadamente em 389 numa região próxima da Dácia (atual Hungria), filho do rei vândalo silingo com uma escrava. Genserico acompanhou seu povo durante todo o trajeto de ocupação de partes de províncias do Império Romano do Ocidente, estando entre os vândalos quando eles penetraram na região da Gália, juntamente com os alanos e com os suevos, e, posteriormente, na região da Hispânia. Tornou-se rei dos vândalos e dos alanos em 429, após assassinar seu meio irmão Gunderico. Entrou na África romana através de Ceuta a fim de conquistar esse território que se encontrava naquele momento desprotegido por conta de um atrito entre o procônsul romano Bonifácio e Gala Placídia, a regente do Império Romano do Ocidente (EGEA, 1997, p. 108).

Em regiões africanas, as forças vândalas de Genserico dominaram, primeiramente, a Mauritânia. Em 435 o imperador romano Valentiniano III considerou os vândalos como federados do Império Romano do Ocidente e lhes concedeu a Numídia. Em 439, o rei Genserico dominou a cidade de Cartago e a transformou na capital do seu reino. Em uma aliança política ocorrida em 442, Genserico acertou os termos do casamento de seu filho Hunerico com Eudócia, a filha mais velha do imperador Valentiniano III. Os vândalos dominaram a África romana até a primeira metade do século VI, quando foram derrotados pelas forças do imperador romano Justiniano, imperador do Império Romano do Oriente (FRIGHETTO, 2012, p. 156).

Genserico e os vândalos saquearam e dominaram a Sicília em 440 e a Sardenha em 455 e combateram os diversos imperadores e mestres militares que se sucederam no Império Ocidental durante o período turbulento que seguiu entre 455 e 476, época da dominação hérula sobre a Itália (FRIGHETTO, 2012, p. 157). Em 455 levou seus soldados a saquearem Roma, assassinando o imperador usurpador Petrônio Máximo. Por meio de diversas alianças intercaladas por períodos conflituosos com o Império Romano do Oriente, Genserico conseguiu manter a Sicília sob seu domínio até sua morte em 477 (EGEA, 1997, p. 114).

A fim de compreender melhor como as forças vândalas foram sentidas pelos romanos naquele contexto, o que acreditamos que ajudará a responder às perguntas que iniciam este artigo, nos propomos aqui a analisar as representações de Genserico por Sidônio Apolinário, um membro das elites provinciais de origem galo-romana que viveu entre as décadas de 430 e 480 e se mostrou um observador atento de seu contexto e das transformações que o Império Romano estava passando no século V, com as invasões germânicas e com as formações de diversas monarquias romano-germânicas no território imperial.⁴

⁴ O historiador Frighetto, em sua obra *A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II-VIII)*, de 2012, mostra como houve uma interação entre elementos germânicos e romanos na formação dos novos reinos que surgiram no ocidente do Império Romano. Por tais razões Frighetto não chama esses reinos de bárbaros simplesmente, adicionando o elemento romano em sua denominação. Diante de tal fusão de elementos concordamos com a denominação que une o elemento romano ao germânico, mas cumpre destacar que ao usar o termo bárbaro devemos compreender o juízo de valor que o mesmo carrega, sendo que na origem do termo bárbaro estava, inicialmente, a ideia grega de serem bárbaros aqueles que não falavam grego, como, por exemplo, os troianos são mostrados nas obras de Homero. De um critério meramente linguístico, o termo passou a ser usado entre os gregos para definir aqueles que não compartilhavam dos códigos de comportamento, dos valores e dos modelos ideais da cultura grega, com certa conotação negativa, como vemos em Heródoto (*Histórias*). Tal representação foi estendida, mais tarde, para todos que fossem diferentes da cultura grega e romana, como podemos ver nas obras dos escritores gregos e romanos

Cumpra mencionar que como *representações* estamos compreendendo o que apresentou Roger Chartier (1988), um dos principais historiadores da Nova História Cultural. Assim, o conceito de representações é tomado por nós como uma espécie de mapa mental no qual o autor organiza a realidade. Cabe ao historiador desconstruir o discurso destas obras por meio da análise da compreensão de mundo do autor, analisando seus anseios nas representações. Diante disso, para Chartier (1988), o homem, por meio das representações, mostra seus anseios, suas revoltas e suas vitórias, construindo representações como se fossem verdades. Entendemos ainda que “as representações são sempre resultado de motivações e necessidades sociais” (BARROS, 2005, p. 134). Portanto, as imagens construídas por Sidônio Apolinário sobre Genserico e os vândalos serão percebidas como construções do autor que demonstram sua visão de mundo e seus anseios.

Estruturamos nosso artigo da seguinte forma: inicialmente, daremos um panorama geral da documentação textual tardo-antiga que chegou até nossos dias e que menciona os povos vândalos e seu rei Genserico, a fim de mostrar ao leitor o material documental escrito disponível para estudo dos vândalos.⁵ Feito isso, faremos uma apresentação sobre o autor por nós escolhido para o estudo, Sidônio Apolinário. Por fim, apresentaremos a análise documental dos textos de Sidônio escolhidos para análise, os Panegíricos.

Começamos, então, com a apresentação da documentação escrita produzida na Antiguidade Tardia em torno dos vândalos.

1. Genserico, os vândalos e a documentação da Antiguidade Tardia.

Para conhecer melhor a história dos povos vândalos no período de sua entrada nas províncias ocidentais do Império Romano, além da cultura material, temos alguns textos escritos pelos próprios romanos provinciais, tais como as obras de Paulo Osório,

também do período imperial, como em Tácito (*Germânia*) e Filóstrato (*Vida de Apolônio de Tiana*), por exemplo. Por tais motivos preferimos chamar tais reinos de monarquias romano-germânicas.

⁵ Optamos por usar a conceituação de Antiguidade Tardia para definir o período aqui trabalhado, o século V d. C. Desde a primeira metade do século XX o conceito de Antiguidade Tardia, *Spatäntike*, tem sido muito utilizado pelos estudiosos para definir o período intermediário entre o Império Romano e a chamada Idade Média. Há, no entanto, perspectivas diferentes sobre o período, que dizem respeito à temporalidade que o mesmo abarca, as diferenças que devem ser pensadas nas análises das partes ocidentais e orientais do Império Romano e a ponderação sobre as permanências e rupturas entre o mundo clássico e o mundo medieval. No entanto, uma ideia geral orienta estes trabalhos, a de que a Antiguidade Tardia é um contexto de transformações e que esta nomenclatura explicaria melhor sua complexidade do que o conceito de Baixo Império. Como Antiguidade Tardia, estamos compreendendo o período entre o final do século III até meados do século VIII, momento de formação e estruturação das monarquias romano-germânicas.

Posídio, Procópio de Cesaréia, Jordanes, Isidoro de Sevilha, Hidácio de Chaves, Quodvultdeo e Victor de Vita, que apresentaremos, ainda que brevemente, a seguir⁶.

Uma importante fonte para o estudo da história vândala é Paulo Orósio, que nasceu por volta de 385, provavelmente, na cidade de Bracara Augusta (atual Braga, em Portugal) ou na cidade de Tarraco (atual Tarragona, na Espanha), conforme informações de Eustaquio Sánchez Salor (1982, p. 7-8), na época do surgimento das polêmicas relativas à expansão da fé prisciliana. A principal obra de Orósio chama-se *História contra os pagãos livro VII* (em latim *Historiarum adversus paganus libri VII*), sendo mais conhecida como *Histórias*. Um dos acontecimentos interessantes na vida de Orósio foi sua fuga da Península Ibérica em 414. Não há um consenso entre os estudiosos a respeito do motivo da fuga de Orósio e, segundo Salor (1982 p. 10-12), temos dois possíveis motivos: informar a Agostinho de Hipona sobre os desmandos da fé prisciliana e fugir dos vândalos, que ameaçavam suas terras. Orósio (*Histórias*), ao narrar as desgraças que abatiam o mundo em sua época, conta dos sofrimentos que passou nas mãos dos “bárbaros”, ainda assim, tratando-os com benevolência e indulgência, apesar de serem considerados por ele como infiéis. Conforme Salor (1982, p. 137), os “bárbaros” mencionados por Orósio são, provavelmente, os vândalos que o perseguiram na época de sua fuga da Hispânia em 414.

Também temos Possídio, que, conforme Joana Paula Correia (2014, p. 11), foi o primeiro biógrafo de Santo Agostinho, escrevendo a obra *Vita Augustini*, que contém a vida do bispo da sua conversão até sua morte. Como vemos, Possídio trata da vida de um homem que viveu na África vândala, sendo que o autor também viveu nesta região no mesmo contexto, trazendo-nos informações sobre tal região neste contexto (EGEA, 1997).

Outro escritor a tratar dos vândalos foi Quodvultdeo, um correspondente de Santo Agostinho de Hipona (EGEA, 1997, p. 108-113). Quodvultdeo foi bispo de Cartago em 437 até sua morte em Nápoles, em 453 ou 454. Este autor é mais conhecido por seu tratado sobre a exegese bíblica intitulado *Liber promissionum et praedictorum Dei*, bem como pela escrita de treze sermões catequéticos que foram pregados primeiramente em Cartago, provavelmente entre os anos 434 e 439. Já citadas em outras obras, as relações entre Quodvultdeo e os vândalos são explicados por Raúl González

⁶ A lista de autores da Antiguidade Tardia que tratam dos vândalos foi tirada por nós do texto de María Elvira Gil Egea (1997), as informações sobre os autores e suas obras foram complementadas com leituras específicas.

Salierno (2002), que os situa dentro do cenário de intensos conflitos religiosos que se desenrolaram no norte da África na época da dominação vândala de fé ariana e os bispos católicos ortodoxos ligados a Roma.

Temos ainda menções aos vândalos feitas por Idácio de Chaves, bispo de *Aquae Flaviae* (atual Chaves, em Portugal) entre 427 e 460. Idácio era de família aristocrática do Império Romano e viveu no período de invasão dos suevos na *Gallaecia* da Hispânia. Sua obra chama-se *Crónica*, também conhecida por *Cronicão*. É a obra mais importante para se conhecer a realidade da Península Ibérica no século V. Nela o autor fala dos suevos e dos visigodos, dando uma visão apocalíptica do tempo em que vive. Idácio teve uma importância política muito grande no seu tempo, e realizou diversas embaixadas ante os povos “bárbaros” na Península Ibérica do século V, a saber, vândalos, suevos, alanos e visigodos, deixando para a posteridade sua importante obra (GAZZOTTI, 2014, p. 32-34).

Outro autor a ser citado é Victor de Vita (nascido aproximadamente em 430), bispo de Vita (sede episcopal localizada nas atuais ruínas de Beni-Derraj, na moderna Tunísia), que esteve na região da África durante os reinados de Genserico e Hunerico e que relatou suas experiências ante os vândalos na obra *Historiae Persecutionis Africanae Provinciae* (HORVÁTH, 2006, p. 174).

Entre as fontes disponíveis para conhecermos os vândalos, encontramos o importante Procópio de Cesaréia, autor de *História das Guerras*. Sua obra data do ano de 550 e conta os acontecimentos da “queda das províncias do Império do Ocidente” nas mãos dos “bárbaros” e dos acontecimentos em torno do ano 476, quando o mestre dos soldados itálicos, o “bárbaro” Odoacro, rei dos hérulos, depõe o último imperador ocidental, Rômulo Augusto, dando fim ao Império Ocidental enquanto entidade política. A obra *Histórias das Guerras* se subdivide em *Guerra Persa* (livros I e II), *Guerra Vândala* (livros III e IV), contando os acontecimentos em desde 395 até 548 e *Guerra Gótica* (livros V, VI e VII), narrando os acontecimentos desde 475 até 551 (BAPTISTA, 2011, p. 1).

Destacamos também a obra de Isidoro de Sevilha (560-636), escritor que pertencia a uma família cristã de origem bizantina ou hispano-romana. A obra de Isidoro de Sevilha chama-se *Etimologia* (em latim *Etymologiae*), sendo um importante manuscrito em letras minúsculas góticas no estilo da escola de Toledo-Sevilha. A forma

como Isidoro fala dos vândalos no contexto da passagem desses povos pela Península Ibérica, no começo do século V, é analisada por Cristóbal Rodríguez Alonso (1975).

Outra documentação sobre os vândalos foi elaborada por Jordanes, escritor do século VI, possivelmente de origem germânica. Sua obra é conhecida como *História dos godos* (no latim *De actibusque Getarum*). O objetivo principal da *História dos godos* é narrar as origens dos godos, divididos entre ostrogodos e visigodos, bem como sua relação com os romanos, mas o autor trata também da origem dos hunos. Jordanes fala dos vândalos pelo menos uma vez em sua obra, no momento em que, durante o mandato do imperador Constantino (324-337), em algum lugar nas margens setentrionais do rio Danúbio, os godos e os vândalos se enfrentaram, sendo que uma parte deles se alojou na Panônia sob ordens do imperador Constantino, realizando ali saques ilegais. Podemos deduzir que, talvez, seja desse contexto que uma parte dos vândalos permaneceu ao norte do rio Danúbio, dando origem aos vândalos asdingos, aqueles outros que se alojaram na Panônia se tornaram, talvez, os vândalos silingos.

E, por fim, temos as obras de Sidônio Apolinário, autor que usaremos nesse artigo para analisar a atuação histórica de Genserico na região da África. Do *corpus* documental de Sidônio, utilizaremos seus Panegíricos. A escolha de Sidônio Apolinário não foi fortuita. Nosso autor apresenta-se como um dos expectadores mais atentos dos acontecimentos de sua época, deixando uma obra rica sobre as ocupações dos germânicos, a formação de reinos no ocidente imperial romano e sua visão de aristocrata galo-romano sobre as negociações e estratégias necessárias para que o Império Romano vencesse os temidos inimigos. Além disso, ao que nos consta até o presente momento, faltam estudos sobre este escritor no Brasil.

Para tanto, cumpre fazermos, primeiramente, algumas considerações sobre a trajetória de nosso autor, uma vez que consideramos imprescindível conhecer o autor do documento trabalhado para compreender a representação do objeto estudado.

2. Considerações sobre Sidônio Apolinário e seus Panegíricos

Caio Sólito Modesto Sidônio Apolinário nasceu em uma propriedade rural na região da cidade de Lugduno (atual Lyon, na França), capital da província romana da Gália Lugdunense. Seu avô havia sido Prefeito do Pretório das Gálias sob o governo do usurpador Constantino III (407-411) e seu pai havia ocupado o mesmo cargo sob o imperador Valentiniano III (GOLBERG, 1995). Kindler (2005, p. 21) diz que por parte

de mãe, Sidônio era parente da casa arvernesa dos Ávitos, uma importante família de aristocratas galo-romanos originários da Arvêrnia ou Auvêrnia (em francês, *Auvergne*), de descendência céltico-romana⁷.

O parentesco de Sidônio com os Ávitos foi reforçado por conta de seu casamento com Papiánilla, filha do cônsul romano Ávito, que na época ocupava o cargo de mestre dos soldados (*magister militum*) das legiões itálicas. O casamento deu origem aos possíveis quatro filhos do casal: Apolinário, Roscia, Severiana e, provavelmente, Alcima. Por conta do casamento, Sidônio recebeu como dote a propriedade rural de *Avitacum*, na Arvêrnia (região no centro-sul da atual França).

Conforme Kindler (2005, p. 21-22), Sidônio assistiu a aulas de gramática em Lugduno e de retórica na cidade de Arelate (atual Arles). Nosso autor aprendeu a fé cristã com a família e formou-se nos distintos ramos da filosofia: aritmética, geometria, astronomia e música. Tornou-se bispo em 469.

Quanto à obra sidoniana, sabemos que o autor galo-romano escreveu em diferentes estilos literários: cartas, poemas e panegíricos. Centremo-nos nos Panegíricos.⁸

Antes de se tornar bispo, Sidônio publicou, em 469, vinte e quatro poemas. Dentre os primeiros oito poemas que nosso autor escreveu, figuram os três panegíricos que iremos analisar, dispostos na edição por nós utilizada da Editora Gredos, em ordem invertida em relação à época em que foram escritos. Segundo Ana Paula Franchi (2009, p. 34), os panegíricos são um tipo de poema que surge no período conhecido pela historiografia como Dominato e foi uma forma de elogiar um soberano.⁹ Ainda que os

⁷ As informações sobre Sidônio Apolinário que temos foram tiradas dos trabalhos de Eric Golgberg (1995), Paul Harvey (1998) e Agustín López Kindler (2005).

⁸ Preferimos utilizar a expressão galo-romano para definir Sidônio uma vez que percebemos que Sidônio era membro da aristocracia que governava o Império Romano, não deixando, no entanto, de ser gaulês. Desta forma, estamos de acordo com Greg Woolf (1994), quando este historiador percebe que as *identidades culturais* podiam conviver em um mesmo indivíduo sem problemas no Império Romano. Além disso, Woolf (1998), em outra obra, ao interpretar o processo de formação do que ele chama de civilização galo-romana, percebe a existência de processos dinâmicos de trocas culturais entre gauleses e Império Romano.

⁹ Embora a historiadora citada se utilize do conceito de Dominato para definir o período, entre meados do século III ao século V, que preferimos conceituar como dentro do arco cronológico da chamada Antiguidade Tardia, não podemos deixar de apresentar, ainda que brevemente, nosso ponto de vista sobre o uso desse conceito. O uso da denominação Dominato recebe críticas de parte da historiografia que acredita que tal denominação mostra o período como um momento de rigorosa centralização política, enfatizando aspectos excessivamente políticos do sistema imperial, em detrimento, por exemplo, dos aspectos sociais ou culturais e com destaque para a posição ocupada pelo imperador (*dominus*). Além disso, o conceito de Dominato, segundo a historiografia que o critica, daria ênfase apenas nos aspectos do Império Romano em si e não na transformação para a Idade Média. Diante disso, reforçamos nossa ideia do uso da denominação de Antiguidade Tardia.

temas dos panegíricos não sejam especificamente as conquistas dos imperadores, as usurpações e posteriores formas de legitimações de governo, os panegíricos tradicionalmente falavam sobre estes episódios na vida do governante elogiado. Segundo Franchi, os panegíricos vêm de uma tradição grega e encontraram grande prestígio literário principalmente na época estudada por ela, ou seja, nos séculos III e IV. Desta forma, os panegíricos tornam-se uma fonte histórica imprescindível para os estudiosos do Império Romano, em especial aos que estudam a Antiguidade Tardia.

Para escrever os panegíricos, Sidônio se baseou no autor Cláudio Claudiano, que, em 404 e em 395 a. C., compôs e recitou três panegíricos em verso, em hexâmetros¹⁰ (KINDLER, 2005, p. 34).

Kindler (2005, p. 22) aponta que Sidônio declamou o seu primeiro panegírico em Roma em janeiro de 456, e o motivo do panegírico foi a honra a seu sogro Ávito, que havia se tornado imperador em 455. Por causa dessa declamação, Sidônio foi honrado com uma estátua erguida no Fórum imperial de Trajano. Cumpre ressaltar que Ávito tinha sido elevado ao cargo imperial pelos visigodos de Tolosa, reino esse que ficava perto da Arvéria, terra de Ávito. Tal fato parece ter ocorrido mediante uma comunhão de interesses entre a nobreza visigoda e a aristocracia galo-romana no momento em que o trono imperial estava vago devido ao assassinato do usurpador Petrônio Máximo pelos vândalos (KINDLER, 2005, p. 22). Os interesses de Sidônio ao compor esse panegírico parecem ter sido fazer com que seu *status* e seu prestígio aumentassem no momento de sua juventude, o que, como vemos, parece de fato ter acontecido. Além disso, como vemos, o panegírico em questão foi escrito em honra de seu sogro, com quem o autor já mantinha uma aliança política claramente estabelecida pelo casamento com Papianilla.

Quando declamou o seu segundo panegírico, em dezembro de 458 em Lyon, em honra do imperador Majoriano (457-461), Sidônio recebeu o título de conde, embora atualmente não tenhamos informações sobre o que isso significou na época para ele. Posteriormente ao assassinato do imperador Majoriano, Sidônio retirou-se de Roma e passou a viver em sua propriedade rural na Arvéria, dedicando-se a escrever cartas a amigos em prosa e em verso (KINDLER, 2005, p. 24). Também devemos compreender os interesses possíveis por trás da declamação desse panegírico por parte de Sidônio. Majoriano, o imperador homenageado, castigou a cidade de Lugduno com um pesado

¹⁰ Uma forma de medida poética.

tributo. O motivo do castigo deu-se porque a aristocracia da Gália Lugdunense, descontente com a deposição e o assassinato de seu conterrâneo, o imperador Ávito (455-456), e com a subida de Majoriano ao trono imperial, se aliou aos povos burgúndios e cedeu terras para estes povos germânicos a fim de que eles, anteriormente federados na Saboia (entre os Alpes e o Ródano), ajudassem a depor o imperador Majoriano. O objetivo do panegírico de Sidônio, ao que nos parece, era fazer com que Majoriano livrasse a capital da Gália Lugdunense daquele pesado tributo (KINDLER, 2005, p. 23).

O terceiro panegírico sidoniano foi declamado em Roma em janeiro de 468, em honra do novo imperador Antêmio (467-472), que possuía origens orientais. Por causa dessa declamação, Sidônio tornou-se prefeito de Roma naquele ano ainda durante o governo de Antêmio, em 469, recebeu o título de patrício, o maior título honorífico que se poderia ter na época (KINDLER, 2005, p. 24, 25). Nesse mesmo ano ele se tornou bispo da Arvéria (GOLGBERG, 1995).

Como bispo, Sidônio agiu no mesmo sentido que Idácio de Chaves na Galícia ante os suevos: lutou com todas as suas forças contra as tentativas de Eurico, rei visigodo, de anexar a Arvéria ao seu reino, o Reino Visigodo de Tolosa. Entretanto, as ações de Sidônio, àquelas alturas dos acontecimentos, pareciam historicamente em vão, uma vez que todo Império Romano do Ocidente sucumbia ante o poderio bélico dos povos germânicos, muitas vezes realizando alianças, mas também diante de pesadas guerras. Kindler (2005, p. 27, 28) nos informa que Sidônio armou o povo da Arvéria e lutou contra o rei visigodo de Tolosa juntamente com seu cunhado Ecdício, irmão de Papiánilla. O nosso autor foi preso em 475 na Fortaleza Lívia, próxima à cidade de Cárcaso (atual Carcassone, na França), perto de Tolosa na Gália, e de lá só saiu em 477 por interseção do bispo Leão I. Parece que Sidônio aceitou a situação e viveu em sua sede episcopal até sua morte entre 482 e 487.

Vejamos agora como esse escritor que viveu, como mostramos, no momento de ocupações e formações das monarquias romano-germânicas no Ocidente romano, percebeu as dominações “bárbaras” no Ocidente em suas representações dos vândalos e de seu rei Genserico.

3. As representações de Genserico nos Panegíricos de Sidônio Apolinário

3.1. Genserico no *Panegírico de Ávito*

No princípio do *Panegírico de Ávito*, Sidônio se refere três vezes à presença dos vândalos na África romana. Segundo Sidônio, desde a origem de Roma lhe foi assinalado seu destino, o de crescer à base de males¹¹. De acordo com a interpretação de Kindler (2005, p. 166), o último desses males aos quais Sidônio se refere foi o saque da cidade em 455 pelos vândalos, mesmo ano em que o panegírico foi composto e que Ávito ascendeu ao poder.

Na sequência do panegírico, Roma é transformada em uma personagem na forma de uma deusa. Neste momento, vemos que o autor faz alusão às três Guerras Púnicas. Assim, em um discurso a Júpiter, Roma pede ajuda ao deus para que a salve da desgraça em que havia caído nos últimos tempos, da qual Genserico parece ser o principal culpado: “A ponta de minhas lanças semeou o terror no céu líbico e subjuguéi por três vezes o perjuro cartaginês” (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Ávito*, 70-75)¹².

Devemos perceber que Genserico, assim como os púnicos, também vinha de Cartago, antiga capital do Império Cartaginês e então capital do Reino Vândalo desde 439. Em nossa interpretação, desta forma, poderíamos acreditar que Sidônio faz Roma implorar a Júpiter, o pai dos deuses na mitologia romana, para que a livre novamente dos desmandos dessa cidade mediterrânica, uma vez que mais adiante o autor mencionará o saque da cidade itálica em 455, causa da morte do imperador Petrônio Máximo (455-455), episódio que Sidônio chama de Quarta Guerra Púnica.

Na continuação do seu discurso a Júpiter, Roma se queixa do fato de que antes ela reclamava dos estreitos limites do mundo que desejava dominar, mas agora nem mesmo tem um muro para si, ou seja, lhe falta proteção, como podemos compreender. Segundo Kindler (2005, p. 170), com quem concordamos, Sidônio parece fazer aqui novamente uma alusão ao saque ocorrido em 455.

¹¹ Em um texto interessante, que parte do viés da psicologia histórica, Pierre Grimal (1984) analisa os mitos e lendas de fundação de Roma através de dados arqueológicos e análise de textos dos escritores do período republicano, como Tito Lúcio, Cícero, Virgílio, etc. Com isso, esse historiador objetiva compreender aspectos da mentalidade dos romanos. Nesta análise, Grimal (1984, p.18) percebe como a lenda do assassinato de Remo por Rômulo ficou na mentalidade dos romanos como uma espécie de pecado original, pois para eles para sua cidade ser fundada e prosperar foi preciso haver um assassinato. Tal lenda, conforme Grimal, nos demonstra um importante caráter da cultura romana: como buscavam justificar guerras, conflitos e mortes através das lendas.

¹² As traduções dos trechos de documentos são de nossa autoria.

Na sequência, o deus Júpiter se pronuncia dizendo que surgirá um salvador para Roma vindo da região da Arvéria, e, ao elogiar esta região, faz questão de dizer que a Líbia se curva diante da região gaulesa onde Ávito nasceu.¹³ Ou seja, Sidônio expressa claramente que o imperador Ávito, seu sogro, derrotará o rei vândalo por causa da fertilidade e riqueza de sua terra em comparação com a Líbia de Genserico.

Ainda no discurso de Júpiter, Sidônio o faz falar a Roma que ela conhece suas desgraças, iniciadas no momento em que Placídio¹⁴ eliminou o general Flávio Aécio, que mantinha o Império do Ocidente a salvo por ocasião de um ataque em setembro de 454 semelhante ao ataque dos godos no começo do século V sobre a cidade eterna.¹⁵ E Júpiter diz:

Como lobos vorazes (cujo olfato de nariz sagaz rastreia a pista apetitosa das ovelhas no aprisco) se inquietam, agudizam sua fome e se imaginam diante da presa, enganando a fome com uma ampla abertura de suas faces: já quase esperam devorar um terno cordeiro e a presa futura faz esmagar o paladar faminto (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Ávito*, 360-370).

No entanto, em nossa análise, a passagem mais interessante desse panegírico com relação aos vândalos está entre os hexâmetros 440 e 455, quando Júpiter recorda Roma do saque ocorrido em 455, fazendo referência ao fato como uma Quarta Guerra Púnica, como já mencionamos.

Crime hediondo! De novo as pérfidas trombetas de Birsa, a fénícia, recrudescem as calamidades de uma quarta guerra. Destinos, que desgraça haveis alimentado? O exército macílio havia tomado ao assalto a fortaleza de Evandro, os soldados marmáricos acossavam os montes de Quirino e a cunha dos Barcas recuperou os tributos que uma vez havia tido que entregar ao ser conquistada (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Ávito*, 340-355).

Como podemos ler, a passagem acima é repleta de metáforas. Todavia por meio dela podemos compreender a essência do que Sidônio tenta expor: Cartago retorna a Roma e reivindica o que a cidade itálica havia lhe tomada no tempo dos generais cartagineses Barcas, agora através dos vândalos de Genserico.

Por fim, a última menção sobre os vândalos no Panegírico ocorre entre os hexâmetros 585 e 590, quando Sidônio faz Júpiter falar que a Gália recuperará a Líbia

¹³ Nos panegíricos, Sidônio chama a região dominada pelos vândalos na África de Líbia, em referência ao nome antigo dessa região.

¹⁴ Um dos nomes do imperador Valentiniano III.

¹⁵ O conhecido ataque dos vândalos sobre Roma em 455.

para Roma, através do novo Augusto que surgiu para salvar o Império, ou seja, seu sogro Ávito.

Eis aqui, Roma, o que eu te dei enquanto a Gália de amplas planícies lhe aclama como Augusto com aplausos e o vento boreal, com renovadas forças, transmite um clamor favorável ao lívido austro. Este te restituirá a Líbia depois de uma quarta campanha e aquele que reconquistou com uma só expedição a Panônia, já perdida há tantos séculos, é fácil imaginar o que é capaz de fazer quando entra em combate (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Ávito*, 585-590).

3.2 Genserico no *Panegírico de Majoriano*

No começo do *Panegírico de Majoriano* Roma é representada como uma deusa guerreira por Sidônio. A deusa então se senta para receber as oferendas das províncias e a África, transformada também em uma personagem, faz uma intervenção, pedindo que Roma faça algo para livrá-la dos males que estão lhe assolando nos últimos tempos, todos eles causados pela dominação vândala que devora todas as suas riquezas.

Venho como terceira parte do mundo, desgraçada pela boa sorte de um solo. Este depredador, filho de uma escrava, depois de eliminar os meus chefes, tem mantido desde muito tempo minha terra sob um cetro estrangeiro; uma vez que é um ambicioso calculista e sem escrúpulos, em sua demência erradicou completamente a nobreza e este louco ambicioso não ama nada que não seja loucura (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Majoriano*, 50-65).

Sidônio representa a forma desarmônica pela qual Genserico havia se relacionado com a aristocracia africano-romana e com o clero ortodoxo daquele continente, que se opunha à fé ariana dos vândalos.¹⁶

Na sequência, entre os hexâmetros 85 e 100, a mesma África se desculpa com Roma porque os vândalos lhe obrigam a empreender guerras contra a sua ama, falando de maneira metafórica que apesar da fraqueza do rei vândalo, ele se sente protegido por trás das ondas como um javali que se esconde atrás de bosques profundos. Sidônio representa a nobreza guerreira vândala como uma manada de cães coagindo seu dono a lutar em campo aberto, embriagados de raiva pela voz do dono, esquecendo a dor das feridas.

Que culpa tenho eu? Os destinos me obrigam a empreender guerras contra ti, queira ou não queira. O inimigo que agora te ameaça, tomba ele mesmo, mas se sente seguro atrás do refúgio das ondas, a maneira do javali peludo que se esconde atrás dos bosques profundos e, ali encerrado, afia as brancas defesas das que está dotado seu negro focinho; uma matilha de cães lhe rodeia com seus latidos; lhe desafiando a lutar em campo aberto, mas ele, por trás da barreira de espinhos, se enche de orgulho, débil em forças, mas forte por sua

¹⁶ Mais informações ver: FRIGHETTO, 2012, p. 161.

posição, até que, ai! O caçador de perto dá um grito desde a colina. A conhecida voz do dono reaviva o furor dos cães fatigados e então a raiva cega menospreza a dor das feridas (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Majoriano*, 85-100).

Percebemos que a metáfora acima aproxima os germânicos, tidos como bárbaros pelos romanos, dos animais e mostra-nos claramente como um galo-romano que se considera civilizado enxerga o inimigo da única sociedade que ele considera “civilizada”. Vemos como para Sidônio os seus ideais de humanidade estão ligados aos greco-romanos, em contraposição aos “bárbaros” animais. É o ideal de *humanitas*, componente central da autodefinição da cultura romana durante o Império *versus* a ideia de *feritas*, a irracionalidade dos povos considerados bárbaros (WOOLF, 1998, p. 60), que os condiciona a um estado de animais.¹⁷

Posteriormente, a personagem África insistirá em suas críticas ao rei, falando, entre os hexâmetros 325 e 335, que os vícios de Genserico arruinaram a força de sua raça e suas virtudes citas¹⁸. A personagem África dirá ainda, nas palavras de Sidônio, que a vida luxuosa que o rei Genserico leva retira-lhe sua virtude, ligada ao vigor e à força que ele detinha quando não possuía tantas riquezas e poder. A África queixa-se que Genserico arma seus filhos contra ela, que está cativa há uma infinidade de anos, desgarrada em benefício do rei vândalo e reclama que sua fertilidade lhe atrai desgraças, sendo ela obrigada a dar a luz a quem as lhe inflige.

Na sequência, antes do hexâmetro 345, a personagem África dirá que Genserico não é capaz de lutar com suas próprias armas, o chama de covarde, e diz que ele coage diversos povos da África, que ela lista, a lutarem juntos. Sobre Genserico, a personagem ainda dirá:

Tem a cor pálida de quem abusa do vinho, uma gordura fofa e seu estômago, cheio pelas contínuas comilanças, nem sequer é capaz de dar um arrote azedo, apenas deixa escapar uma respiração fétida. A vida dos seus é parecida (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Majoriano*, 335-345).

¹⁷ A ideia de *humanitas* latina; assim como o ideal de *paideia* grego e greco-romano do período imperial, seu equivalente conforme Woolf (1998, p. 55); tem sido comumente traduzido como *civilização*. Cumpre apresentar, no entanto, que este termo aparece, muitas vezes, carregado de um juízo de superioridade moral nos contextos imperialistas do século XIX e XX. Diante disso, o mesmo nos parece adequado para trabalhar com a tradução do ideal de superioridade que autores como Sidônio propõem para sua cultura frente aos considerados “bárbaros”. Porém, não podemos deixar de perceber a ligação do conceito de civilização com lutas imperialistas da época contemporânea.

¹⁸ Sidônio representará diversos povos germânicos em algumas passagens, como os citas.

No final do discurso, a personagem África implora a Roma por um guia que a vingue de Genserico para que Cartago pare de lutar contra a cidade eterna: “Por tudo isso te peço que ao menos, depois de tantos séculos, me volte a dar um guia que me vingue, para que Cartago pare de lutar contra a Itália” (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Majoriano*, 345-351).

Roma acalma a África dizendo que o atual imperador, Majoriano, é capaz do corrigir todos aqueles males, e que, depois de resolver os problemas de sua querida Gália e combater em outras campanhas, ele certamente se dirigirá a África e a salvará, e que o mais difícil, naquele caso, não era vencer, mas pôr-se em movimento, pois Majoriano chegava e logo vencia. Observemos que Sidônio faz questão de deixar claro no Panegírico que é mais importante resolver os problemas da Gália do que da África, porque a sua província, por sua vez, encontra-se assolada pelos desmandos de outros povos “bárbaros, os burgúndios e os visigodos.

A parte mais densa da representação vândala nesse panegírico ocorre entre os hexâmetros 385 e 441, quando Sidônio narra uma batalha ocorrida na Campânia entre os exércitos romanos, liderados por Majoriano, e os vândalos, liderados por Genserico. Sidônio exaltar a bravura e a habilidade guerreira dos romanos em contraposição à covardia dos vândalos e seu desespero ao se verem vencidos. Nessa passagem, Genserico receberá alguns adjetivos depreciativos como inimigo feroz, gordo e pirata (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Majoriano*, 385-441).

A batalha entre as forças de Majoriano e as forças de Genserico é comparada por Sidônio com a guerra contra Pirro,¹⁹ que sofre uma derrota semelhante a que o rei dos vândalos havia acabado de sofrer, tendo de fugir de volta a Épiro com o que havia sobrado de sua armada, como Genserico que também teve de fugir com seus guerreiros de volta à África.

Entre os hexâmetros 441 e 469, Sidônio narra a preparação da frota de Majoriano para a campanha decisiva contra Genserico, exaltando no imperador as virtudes do desapego virtuoso pelo resultado material do combate, em contraposição ao que ocorreu na África quando Cleópatra ostentou no Egito o tesouro de Ptolomeu. Desta forma, o autor compara Genserico à Cleópatra, uma vez que o rei vândalo ostentava o butim de suas vitórias. Sidônio prevê para o Reino Vândalo um destino semelhante ao do Egito de Cleópatra: sucumbir ante as forças de um César poderoso.

¹⁹ Rei de Épiro, na Macedônia, no século III a. C. e um dos principais aliados da Magna Grécia contra Roma na Itália.

Tampouco foi tão grande a frota mareótide que cobriu as águas do Ácio no porto leucádico, quando as tropas, que eram seu dote, chegaram de Canopo para a faraônica lutar por seu marido, enquanto ela, a orgulhosa Cleópatra, rodeada de instrumentos pátrios e tendo seus barcos dourados carregados de soldados negros, cobriu a vasta superfície do mar dórico com o tesouro de Ptolomeu. Tu não lutas com semelhante ostentação, senão ao modo dos primeiros, que usam espada mais forte, a que com razão se submete o ouro do rico covarde. Não obstante, não deprecies a este tipo de rebeldes, porque se bem não enobrecem uma batalha, decoram um cortejo triunfal. E não me pesará haver evocado a estirpe lágida como modelo de teu inimigo atual, pois prevejo para estes dois reinos um destino semelhante, já que a decadência é a mesma de sua parte e da nossa, não é inferior o César (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Majoriano*, entre os hexâmetros 441 e 469).

Na sequência, Sidônio escreve que de nada adianta a Roma não ter medo dos povos africanos que acompanham Genserico nas batalhas se ela não os tem mais como súditos, como os que tinha antes. Então, Sidônio narra a travessia dos Alpes pelas legiões romanas comandadas por Majoriano, citando o momento em que um soldado reclama do frio que sofre na neve e Majoriano o repreende dizendo que o frio é causado pela falta de movimento, o coagindo a continuar andando, prometendo-lhe um verão sob as Sirtes²⁰ isto é, na África, lutando contra Genserico. Nessa passagem podemos perceber como nosso autor honra o imperador Majoriano por sua valentia, virtude e coragem guerreira.

Por fim, Sidônio trata Genserico como o novo Boco africano,²¹ ao profetizar que logo estará escrevendo que Majoriano havia reconquistado a Líbia e as Sirtes, assim como os Alpes e o Mar Mediterrâneo por inteiro, após haver resolvido os problemas da Gália. Como vemos, para Sidônio, Majoriano é um grande conquistador, mas antes precisa resolver os problemas da Gália.

3.3 Genserico no *Panegírico de Antêmio*

A primeira alusão aos vândalos e a Genserico aparece em uma parte já bem avançada do *Panegírico de Antêmio*, quando a deusa Itália, novamente personificada no texto, pede ao rio Tibre que convença Roma a ir ao palácio da deusa Aurora, que ficava além da Índia, onde acreditavam ser o lugar em que nascia o sol. Desta forma, essa deusa, a soberana de todo o Oriente, do Império de Constantinopla até a Índia, deveria

²⁰ Grandes recifes movediços de areia presentes no norte da África.

²¹ Rei da Mauritânia, sogro de Jugurta (KINDLER, 2005, p. 158).

atender aos pelos de Roma e conceder Antêmio para ajudá-la a fim de que ele a livrasse do perigo vândalo que todos os anos assolava o solo itálico.

A personagem Roma diz que Genserico invertia a ordem do mundo ao fazer Cartago lutar contra Roma, ou seja, de conquistadora de Cartago, agora Roma é conquistada por Cartago. A deusa Roma explica que Genserico, quem ela menciona como pirata, evita o combate ao fugir assim que vê em suas mãos o butim que deseja, e que se nega a fazer qualquer aliança com Ricímero, o então mestre dos soldados da Itália, filho de um príncipe suevo e de uma princesa visigoda. Roma diz que Genserico odeia Ricímero porque o rei dos vândalos era filho de uma escrava e fruto de um adultério entre sua mãe, a escrava, e o rei, ao passo que Ricímero é comprovadamente filho de um príncipe suevo e de uma princesa visigoda, e que poderia vir a ser proclamado rei de dois reinos. Ao mesmo tempo, o avô materno de Ricímero era o visigodo Valia, que havia combatido os vândalos e os alanos na Hispânia antes de criar o Reino de Tolosa. Além disso, a personagem Roma diz que Ricímero dava provas de ser neto daquele homem que havia derrotado violentamente vândalos e alanos, uma vez que ele também era capaz de fazer Genserico recolher a espada.

Ademais, o invicto Ricímero, a quem compete o destino do Estado, que apenas pode ele só com sua tropa rechaçar ao pirata que se estendeu por nossos campos e que, evitando a batalha, de fugitivo se converte em vencedor. Quem pode resistir a um inimigo que evita tanto a paz quanto o combate? Porque com Ricímero não firma nenhum tratado. Escuta porque lhe odeia tanto.

O vândalo presume ter um pai desconhecido, enquanto sua mãe é com certeza uma escrava; proclama, portanto, o adultério de sua mãe com a intenção de fazer-se filho de um rei. Pois bem, tem inveja de que Ricímero seja proclamado rei de dois reinos posto que por parte de pai era suevo e por parte de mãe, godo. Recorda também que Valia, o avô de Ricímero, havia abatido em terras de Tartesos os esquadrões vândalos junto com seus aliados de guerra, os alanos, semeando de cadáveres a ocidental Calpe. Para que contar as derrotas passadas, os desastres antigos? Não se lembra do fracasso do campo de Agrigento? Sua fúria vem do fato de Ricímero ter dado suficientes mostras de ser neto daquele herói cuja vista, oh vândalo, te fazia sempre voltar a espada (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Antêmio*, 350-370).

O que temos na passagem acima é uma comparação de dois “bárbaros”, o que nos mostra como Sidônio negocia suas representações dos bárbaros conforme seus interesses e necessidades. Genserico, o inimigo em potencial, é mais “bárbaro” que Ricímero, também “bárbaro”, mas que não se mostrava como o potencial inimigo do momento.

A última frase escrita por Sidônio nesse panegírico diz: “Vê adiante, afortunado pai da pátria e, sob auspícios propícios, libera aos prisioneiros antigos, tu que encadearás outros novos”. (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Panegírico de Antêmio*, entre os hexâmetros 545-549).

De acordo com Kindler (2005, p. 116), com a frase acima, Sidônio demonstra que almejava uma pronta derrota de Genserico pelas forças de Antêmio, uma vez que naquele ano de 468, quando o panegírico foi escrito, as duas partes do Império Romano, o Império Romano do Ocidente e o Império Romano do Oriente, iriam somar suas forças para lutar contra Genserico. O historiador supracitado acredita que essa batalha não teve êxito para os romanos, possivelmente, pela astúcia do rei dos vândalos, mas também pela inaptidão do comandante das legiões do Império Romano do Oriente, Basilisco. Já para a historiadora Egea (1997, p. 124), é possível que o chefe militar oriental Basilisco tenha tido interesses em sua própria derrota e de seus aliados, uma vez que ela possibilitaria que o poder de Leão, o imperador de Constantinopla, se enfraquecesse e ele, como chefe militar, tornasse-se imperador em seu lugar.

Opiniões historiográficas sobre o resultado da batalha entre romanos e Genserico à parte, acreditamos que o que deva ser considerado nessa situação é que no final do panegírico Sidônio se mostrou confiante na derrota de Genserico, colocando suas esperanças no honrado imperador Antêmio e mostrando-nos como o rei vândalo era temido e necessitava ser vencido.

Para além do que está na obra de Sidônio Apolinário, cabe apresentar que Genserico assinou em 476 um tratado com Odoacro, rei dos hérulos, povo também de origens germânicas que ocupava a Itália neste contexto. Neste tratado os vândalos teriam a posse nominal sobre a região da Sicília, mas não continuariam a dominá-la efetivamente (EGEA, 1997, p. 129). Genserico morreu em janeiro de 477, seus sucessores vândalos continuaram governando o reino ao norte da África durante o primeiro quartel do século VI, quando, enfraquecidos por nunca terem um poder sólido no interior do reino, foram derrotados por Justiniano, imperador do Oriente (FRIGHETTO, 2012, p. 156).

Considerações finais

Apesar de os Panegíricos de Sidônio Apolinário estarem dotados de uma linguagem poética e metafórica, a fim de deleitar a aristocracia leitora sedenta por beleza e arte, eles deixam transparecer interesses de um aristocrata galo-romano, membro da aristocracia imperial, no caso aqui analisado, de ter de novo a África sob a égide de Roma. Através dos recursos estilísticos e retóricos da poesia do século V, vemos expressos nos Panegíricos de Sidônio, que ainda se almejava retornar a um contexto em que os imperadores romanos eram os senhores de todo o Mediterrâneo aliados às elites provinciais, como era o caso da própria família de nosso autor, como mostramos ao apresentá-lo. É assim que Sidônio representa o rei Genserico apenas com características extremamente negativas, pois ele, como líder vândalo, era um entrave para o poder de Roma e das elites que governavam o Império.

Devemos salientar que não consideramos estas representações, seguindo os passos de Chartier (1988), como simples abstrações do autor, mas como uma forma de ação política, um artifício usado por Sidônio para denigrir alguém que representava um perigo eminente ao poder imperial de Roma e fazer seus leitores apoiarem o imperador que ele elogia como capazes de vencer os temíveis vândalos.

Entretanto, é importante percebermos que Sidônio Apolinário não representa todos os povos de origens germânica da mesma forma. Nosso autor apresenta características muito mais negativas àqueles que ameaçam à ordem e poder imperial romano, mostrando esses personagens como dotados de características animais, como mostramos nos trechos apresentados sobre Genserico e os vândalos nos Panegíricos. É assim que povos como os visigodos, que já possuíam um reino constituído dentro dos limites do Império e já colaboravam com o poder romano, são representados, por sua vez, de forma distinta dos vândalos. Será dessa forma que Sidônio representará os “bárbaros”, de acordo com o papel que eles cumpriam naquela sociedade e de acordo com a maneira como se relacionam com o poder imperial romano.

Por fim, destacamos que, embora o termo vândalo ligado a um cenário de destruição seja do século XVIII (MOKHTAR, 2010, p. 548), imagens fortemente negativas sobre estes povos feitas por aristocratas romanos, como a que apresentamos neste artigo, influenciaram para que essa ideia fosse concebida e constituída, permanecendo até os tempos atuais, quando podemos ver noticiários televisivos

chamando de vândalos grupos que participaram das manifestações políticas populares recentes depredando bens públicos e particulares. Assim, vemos como a Antiguidade não está tão longe quanto parece e como seu estudo nos torna mais críticos sobre nossa própria linguagem e sobre nossos próprios discursos.

REFERÊNCIAS

Referências documentais

FILOSTRATO. *Vida de Apolônio de Tiana*. Tradução, introdução e notas de Alberto Bernabé Pajares. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: Ediouro, 2001.

ORÓSIO. *Histórias*. Introdução, Tradução de Notas de Eustáquio Sánchez Salor. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

SIDÔNIO APOLINAR. *Poemas*. Tradução e Introdução de Agustín López Kindler. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

TÁCITO. *Germânia*. Tradução, Introdução e Notas de J. M. Requejo. Madrid: Editorial Gredos, 1981.

Referências bibliográficas

ALONSO, C. R. *Las historias de los godos, vândalos y suevos de Isidoro de Sevilha*. Studio, edición crítica e traducción. León: Centro de Estudios e Investigacion “San Isidoro”, 1975.

BAPTISTA, L. V. Bizâncio em foco: a historiografia produzida sobre Procópio de Cesareia. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo: 2011, p. 1-15. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308113824_ARQUIVO_Bizancioemfoco.pdf. Acesso em: 23/02/2016.

BARROS, J. A. História Cultural e a contribuição de Roger Chartier, *Diálogos*, v. 09, n. 01, 2005, p. 125-141.

CHARTIER, R. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CORREIA, J. P. P. *O discurso anti-maniqueu de Agostinho de Hipona na construção da identidade cristã*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências humanas e naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2014.

CRUZ, M. Gregório de Tours e Jordanes: a construção da memória dos ‘bárbaros’ no VI século. *Acta Scientiarum*. Universidade Federal de Maringá, 2014, p. 13-27. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/22223> Acesso em: 23/02/2016.

EGEA, M. E. G. Piratas o estadistas: la política exterior del Reino Vândalo durante el reinado de Genserico. *POLIS. Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica*, 9, 1997, p. 107-129. Disponível em: dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/148844.pdf. Acesso em: 23/02/2016.

FRANCHI, A. P. *Poder Imperial e legitimação no século IV d. C.: o caso do “Panegírico de Constantino”*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

FRIGHETTO, R. *A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II-VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012.

GOLBERG, E. J. *The Fall of the Roman Empire Revisited: Sidonius Apollinaris and His Crisis of Identity*. Virginia: Corcoran Department of History at the University of Virginia, 1995. Disponível em: <http://www.freerepublic.com/focus/news/833941/posts>. Acesso em: 23/02/2016.

GRIMAL, Pierre. Lendas e realidades dos primeiros tempos. In: _____. *A Civilização romana*. Lisboa: Edições 70, 1984, p.11-31.

HARVEY, P. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

HORVÁTH, E. *The Role of Arianism in the Vandal Kingdom*. Pisa: Pisa University Press, 2006.

GAZZOTTI, D. M. *As concepções do poder régio entre os suevos na Gallaecia do século V: uma análise da crônica de Idácio de Chaves*. 2014. 151 f. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

KINDLER, A. L. Introducción general. In: SIDÔNIO APOLINAR. *Poemas*. Madrid: Editorial Gredos, 2005, p. 7-76.

MICHELETTE, P. T. Isidoro de Sevilha e a construção de um conceito de monarquia teocrática no Reino Visigodo, *Revista Crítica Histórica*, 2013, p. 37-57.

MOKHTAR, G. O período romano e pós-romano na África do Norte. In: _____. (ed.). [História Geral da África – Vol. II – África antiga](#). Brasília: UNESCO, 201, p. 501-560.

PAULA, J. C. *Relações entre Roma e germanos a partir da Germania de Tácito*. 2007. Trabalho de Estágio Supervisionado (Estágio em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SALIERNO, R. G. *Poder y conficto religioso en el norte de Africa: Quodvultdeo de Cartago y los vândalos*. Madrid: Signifer Libros, 2002.

SALOR, E. S. Introducción general. In: ORÓSIO. *Histórias libros I-IV*. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p. 7-68.

WOOLF, G. Becoming roman, staying greek: Culture, identity and civilizing process in the Roman East, *PCPhs*, 40, 1994, p. 116-143.

_____. *Becoming Roman*. The origin of provincial Civilization in Gaul. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.